



OPERAÇÃO: ORFEU

UMA PRODUÇÃO HOTEL PRO FORMA

25 e 26 de Janeiro 2008

21h00

Grande Auditório

Centro Cultural de Belém

Duração: 1H20 s/intervalo

M/12 anos

LEGENDAGEM EM PORTUGUÊS

Ensemble Vocal	Latvian Radio Choir
Solista	Baiba Berke
Bailarina a solo	Lisbeth Sonne Andersen
Direcção	Kaspars Putnins / Sigvards Klava
Concepção e direcção	Kirsten Dehlholm
Música	John Cage, Christoph Willibald Gluck
Arranjos	Bo Holten
Libreto	Ib Michael
Cenografia	Maja Ravn
Concepção de luz	Maja Ravn, Jesper Kongshaug
Desenho de luz	Jesper Kongshaug
Desenho de som	Anders Jørgensen
Figurinos	Annette Meyer
Coreografia para solo	Anita Saij
Dramaturgia	Claus Lynge
Direcção de produção	Jesper Sønderstrup
Engenheiro de som	Anders Jørgensen
Engenheiro de luz	Anja Myung Hansen
Direcção de cena	Oskars Plataiskalns
Técnicos	Janis Kalnins, Janis Linins, Sebastien-Nicolas Gil
Laser	Emagit Design, Wim Winkelmolen
Director-geral do Latvian Radio Choir	Reinis Druvietis
Produtor associado	Quatenaire / Sarah Ford
Coordenação de digressão	Quatenaire / Aicha Boutella
HOTEL PRO FORMA	
Directores artísticos	Kirsten Dehlholm, Ralf Richardt Strøbech
Director	Bradley Allen
Coordenador do projecto	Sofie Lebech

Hotel Pro Forma é apoiado por Danish Arts Council, Committee for the Performing Arts. Comissariado e co-produzido por Århus Festival Week 1993.

Reposição co-produzida por Latvian National Opera, Latvian Radio Choir, Bikubenfonden, the Danish Arts Council, Committee for the Performing Arts e Hotel Pro Forma.

Cenas:

Parte 1: Escuridão – Descida

- 1 Eight Whiskus (Cage)
- 2 Orfeo 1 A (Holten)
- 3 Hymns & Variations 1 (Cage)
- 4 Orfeo 1 B (Holten)
- 5 Hymns & Variations 2 (Cage)

Parte 2: Claro-Escuro – Subida

- 6 Wonderful Widow & Nowth upon Nacht (Cage)
- 7 Hymns & Variations 3 (Cage)
- 8 Story (Cage)
- 9 Hymns & Variations 4 (Cage)
- 10 Mirakus (Cage)
- 11 Hymns & Variations 5 (Cage)
- 12 Orfeo 2 A (Holten)
- 13 Hymns & Variations 6 (Cage)
- 14 Orfeo 2 B (Holten)

Parte 3: Luz – Lembrança

- 15 Silêncio
- 16 Orfeo 3 A (Holten)
- 17 Aria (Gluck, arr. Holten)
- 18 Hymns & Variations 8 (Cage)
- 19 Litany for the Whale (Cage)
- 20 Orfeo 3 B (Holten)
- 21 Hymns & Variations 9 (Cage)
- 22 Four (Cage)
- 23 Hymns & Variations 10 (Cage)
- 24 Orfeo 3 C (Holten)

OPERAÇÃO: ORFEU

Uma ópera visual em três andamentos

Operação: Orfeu é uma *performance* como um ritual. Baseado no mito de Orfeu e Euridice, é composto por uma sequência cénica de imagens com andamentos formalizados, desenhados pela luz e apoiados pelo canto sinfónico. A *performance* desenvolve-se por oposições: a escuridão e a luz; a vida e a morte; o som e o silêncio. Sendo uma ópera visual, explora reminiscências mais profundas do antigo mito, nas suas associações inevitavelmente emergentes de formas pré-conscientes

Como o mito é muito conhecido, não há necessidade de contar o enredo detalhadamente, mas este pode servir como fio condutor dramático. Operação: Orfeu está dividida em três partes. A escuridão prevalece na primeira parte e refere-se à descida de Orfeu. Do indistinto claro-escuro da segunda parte, surgem pessoas que reclamam a subida de Orfeu. Uma luz forte aparece quando a terceira parte começa e reflecte a perda de Euridice, como se fosse uma lembrança revelada. Segue-se uma sequência de imagens, uma permuta entre a ilusão total do plano bidimensional e a profundidade tridimensional.

A estrutura do cenário delimita o finito e é a passagem para o infinito. Dentro desta estrutura, os modos habituais de ver e de compreender estão suspensos ou deslocados. A mudança de perspectiva reside em formas que coexistem entre uma tela gigantesca e outra com uma profundidade monumental. Os detalhes mais pequenos podem ser vistos através da limpidez da ampliação, mas tornam-se irrelevantes quando confrontados com o conjunto. O conhecido e o desconhecido são trazidos para novos alinhamentos de modo a criar assonância poética – destituída de sentido resoluto na sua afirmação, ainda que preenchida de sentido na sua experiência.

Por toda a parte, os intérpretes transformam a composição do espaço consoante se movem, como se fossem elementos de uma pintura animada ou de uma escultura. As acções minimalistas dos cantores relacionam-se cuidadosamente com a música, mas não a interpretam. Assim, duas linguagens diferentes sobre movimento e música comunicam-se de um modo subtil, sem se ilustrarem uma à outra.

A bailarina solitária é a única figura que pode ser encarada como representante da narrativa do mito, embora não se lhe possa atribuir qualquer personagem em particular – podia ser Orfeu, podia ser Euridice. Podia, até, ser o próprio contador de histórias.

Tal como os elementos visuais, a música cria um jogo de diferença através de oposições que se atraem e se iluminam uma à outra: o ténue e o volumoso, o esporádico e o unificador, o solista e o coro.

O minimalismo de John Cage é representado num coral puro e enérgico, enquanto a música de Bo Holten, inspirada no coro da Renascença, e especialmente composta para esta produção, é exuberante e sugestiva. A famosa ária “Che farò senza Euridice” da ópera *Orfeu e Euridice* de Gluck surge como uma citação clássica, um ícone, uma memória.

O elenco é composto por doze cantores, um solista *mezzo-soprano*, um bailarino a solo e o maestro.

Tradução: Mafalda Melo Sousa

KIRSTEN DEHLHOLM (1945-) direcção

Em 1985, Kirsten Dehlholm instituiu Hotel Pro Forma. Com formação em artes visuais, começou a trabalhar em teatro e interpretação em 1970. Hotel Pro Forma concebeu 32 produções de grande e pequenas dimensões. Actualmente, o trabalho de Kirsten Dehlholm abrange a concepção e a direcção do Hotel Pro Forma, direcção de peças de ópera e de teatro para teatros institucionais, conferências e *workshops* em centros internacionais.

HOTEL PRO FORMA

Hotel Pro Forma foi fundado em 1985. A arquitectura faz parte integrante do espectáculo. Percepção, perspectiva e temas do mundo actual interagem num trabalho artístico conceptual e visual. Cada produção é resultado de uma estreita colaboração entre profissionais de muitas disciplinas: artes visuais, arquitectura, música, cinema, literatura, ciência e meios digitais. Os intérpretes são escolhidos cuidadosamente na perspectiva da sua qualidade e qualificações exigidos pelo conceito e a natureza da *performance*. As suas produções são caracterizadas pela imensa diversidade de espaço, conceito, colaboradores e intérpretes que mudam de um trabalho para o outro. Como um teatro “nómada”, Hotel Pro Forma está em constante movimento e aborda sempre a realidade por um outro ângulo. A realidade é encenada. A arte performativa como uma investigação do mundo.

Já produziu espectáculos para museus, teatros, instituições públicas na Dinamarca e no resto da Europa, Austrália, Japão, México e Estados Unidos. Já se apresentou na Sydney Opera House, na Brooklyn Academy of Music em Nova Iorque, na Bienal de Veneza e na Berliner Festspiele.

BO HOLTEN (1948-) – música

Bo Holten fundou e dirigiu o grupo vocal Ars Nova (1979-1996) e o ensemble Musica Ficta desde 1996. Gravou 38 CD com os dois grupos, muitos destes com música antiga. Foi o maestro principal convidado da BBC Singers, entre 1991-2006. Trabalha regularmente com os melhores coros na Europa. Muitos dos CD e concertos com a Danish Symphonic Orchestra. Como compositor já escreveu cerca de 100 trabalhos: 6 óperas (de entre as quais “Operação: Orfeu” é a terceira); 4 concertos; 2 sinfonias; 5 obras orquestrais; e cerca de 30 obras para coro. Compôs também música de câmara, canções e banda sonoras para musicais e cinema. Holten acredita que a música deve ser clara e comunicante, e por isso, obviamente, usa uma linguagem musical tonal e melódica, que geralmente é mais complexa do que parece.

JOHN CAGE (1912-1992) – música

John Cage é talvez um dos mais influentes renovadores do conceito de música. Pertenceu ao movimento dos anos sessenta, Fluxus, que se revoltou contra as regras burguesas da sociedade. É mais conhecido pela sua peça controversa **4’33”**, que questionou o que a música é. Parte da sua imensa obra compreende variadíssimas composições vocais. Algumas das menos conhecidas, como “Hymns and variations” e “The Wonderful Widow of Eighteen Springs”, estão integradas na “Operação: Orfeu”.

IB MICHAEL (1945-) – libreto

Ib Michael é um célebre e premiado escritor e poeta dinamarquês, cujos trabalhos foram traduzidos em várias línguas. Viajou incessantemente por todo o mundo, condição fundamental na sua carreira de escritor, que reflecte a imagem de paisagens distantes e povos de outras culturas aos seus leitores, usando um estilo de linguagem muito pessoal, fortemente expressionista – muito diferente dos dinamarqueses em geral – mas com sentido de humor que permite ao leitor embarcar na viagem. Os seus trabalhos incluem novelas, diários de viagens, poemas, um livro para crianças, programas de rádio e televisão.

MAJA RAVN (1967-) – cenografia

Maja Ravn licenciou-se em cenografia na Escola de Teatro e tem trabalhado em grandes produções de teatro e cinema na Escandinávia. Tem uma atitude forte e muito pessoal em relação ao teatro e às artes. O seu impacto visual é extremamente vital e poderoso, caracterizado por criações divertidas e expressões experimentais. Dá nova vida a muitos dramas clássicos e a peças contemporâneas. O seu suporte artístico é o espaço em movimento, para perturbar os sentidos e desafiar a percepção e a compreensão do teatro tradicional. Para Hotel Pro Forma já criou diversas cenografias, como “Operação: Orfeu”, “Dust Wow! Dust”, “Chinese Compass” e “I only Appear to be Dead”.

JESPER KONGSHAUG (1956-) – desenho de luz

Jesper Kongshaug trabalha há vinte anos como *freelancer* em desenho de luz para teatro, dança moderna, televisão e produção de filmes na Dinamarca. É habitualmente convidado para o The Royal Theatre, de Copenhaga, e está profundamente envolvido na encenação de "The Nibelung Ring" de Wagner. É um dos mais radicais e inovadores designer de luz do país. Muito habilidoso e de espírito aberto trabalha com os mais prestigiados teatros (The Royal Theatre), bem como as companhias de teatro experimentais (Hotel Pro Forma). Lecciona em The Danish Design School e em The Danish Theatre School. Trabalha como designer de luz para museus, os jardins do Tivoli, empresas privadas e instituições públicas.

ANNETTE MEYER (1966-) – figurinos

Annette Meyer teve formação como estilista de moda da Antwerp Royal Academy of Fine Arts, Bélgica. Desenhou os figurinos para diversas produções do Hotel Pro Forma, entre 1992 e 1996. Faz instalações de moda/arte e inspira-se na relação entre a sociedade consumista e o corpo humano. É internacionalmente aclamada pelas suas exposições, onde os seus modelos são confeccionados com papéis de embrulho de todo o mundo. BODYWRAPPInc foi apresentada em Tóquio, Roterdão e Nova Iorque. O seu novo trabalho, ICON DRESSED, é uma instalação de moda feminina dos últimos dois séculos criada em papel.

INTÉRPRETES

LATVIAN RADIO CHOIR

O Latvian Radio Choir foi fundado em 1940. Desde 1992 tem sido dirigido pelo maestro principal Sigvards Klava e o maestro Kaspars Putniņš. Do coro permanente da companhia fazem parte 25 cantores, e a sua actividade pode variar entre pequenos grupos para madrigais, até mais de sessenta cantores, a apresentações de grande escala musical. O repertório é muito variado: música pré-renascentista, barroca, e até música contemporânea. Além do trabalho em rádio e gravações de CD, o Latvian Radio Choir apresenta mais de 60 concertos por ano em Latvia e no estrangeiro, participando em diversos festivais e espectáculos encenados.

BAIBA BERKE (1981-) – mezzo-soprano

Baiba Berke obteve a licenciatura na Jazeps Vītols Latvian Academy of Music, sob a direcção da professora Anita Garanča. Apresentou-se em vários palcos como intérprete de diferentes géneros musicais: musicais, opereta, música barroca, oratória, projectos de música contemporânea. Do seu repertório destaca-se a música de A. Vivaldi, W. A. Mozart, G. Rossini, G. Donizetti, J. Massenet, B. Britten, A. Bruckner, entre muitos outros.

Lisbeth Sonne Andersen (1974-) – bailarina

Lisbeth Sonne Andersen recebeu a sua formação no Nordisk Teaterskole, Århus, Dinamarca. A sua expressão cénica inspira-se no teatro tradicional, assente em costume provenientes do Japanese Noh Theatre, *butô* e nova dança. Faz parte da direcção artística da companhia em residência Århus “Out of Joint Production”, cria as suas próprias coreografias e trabalha como *performer*, bailarina e figurinista em regime de *freelancer*. Tem trabalhado para o StudioRU Theatre and Multimedia, Kassandra Production e Thomas Hejlesen.

OPERATION : ORFEO

Libretto af Ib Michael

*Librettoen består af to tekstkorpus:
De indrykkede tekstafsnit er hentet fra
Ib Michaels digtsamling
"Himmelbegravelse" og den resterende
del er nyskrevet på bestilling.*

OPERAÇÃO: ORFEU

Libreto de Ib Michael

*Este libreto é constituído por dois textos:
Os parágrafos inseridos foram extraídos da
colectânea de poemas de Ib Michael, "Funeral
Celeste" ("Himmelbegravelse"), tendo a restante
parte do texto sido feita por encomenda para
esta produção.*

I

Gennem marv og ben
i solvindens rum
farer sjælene
videre med deres årsager

Frosne hvide hvaler
pander af bræ
hvælver tiden

Munkene blæste deres
sange
støttede sig til horn
hentede havdybden op
og sprængte sletten
med hyl
over verdens tag

Himlen druknede dig i regn
mens ekko

- ekko af navnet
du bandt i musik
før hun faldt
fra dit ansigt

deler sin vinge i to
og kaster din krop blandt skygger

De elsker havets røde

I

Atravessando a medula e os ossos
Do espaço e do vento solar
As almas esvoaçam
Com as suas razões

Baleias brancas gélidas
Com testas de glaciær
Arqueiam o tempo

Os monges sopraram os seus
cânticos
Apoiados em trompas
Trazendo o fundo do mar para a
superfície
Dilacerando a planície com os seus
uivos
Sobre os telhados do Mundo

O céu afogou-te com chuva
Enquanto o eco

- O eco do nome
Que prendeste à música
Antes de ela cair
Do teu rosto –

Divide a sua asa em duas
E lança o teu corpo no meio de sombras

Eles adoram o coral vermelho do

korall
havet er længere væk
end himlen

Den første bølge har fat om din fod
stenene skubber, kisel mod hud,
du hvirvler i brændingens sug
og bliver dukket
den sidste luft klemmes af
stiger op
mod en genspejling af den himmel
du forlod for at finde

Af ukendte grunde
bærer de i sig
denne længsel
efter havets ting
og blæser konkyliehorn
mellem bjergene

Ålegræs stryger dine kinder
grågrønne skygger
klapper dig med behersket kulde
evig er denne terning
fuld af øjne og stumhed
kroppen sten
kastet efter hendes billede
mens ringene breder sig
og du kommer til den yderste kreds
grønne sten i ørerne
blå og grønne sten
kæder af jordrav og
korall

De første skikkelser dukker op
du svæver gennem kraniet's tårn
med ringen for ørerne
ud i sirenelyst
hvor de skifter position
til din undren
som dansere, ja som dansere
der flyder i rum
afgrænset af lys og skygge

mar
O mar está mais longe
do que o céu

A primeira onda agarrou o teu pé
As pedras batem umas nas outras, sílex contra a
pele,
Rodopias, sugado pela rebentaçãoo
És submergido
O último sopro de ar é espremido
E tu sobes
Na direcçãoo de um reflexo do céu
Que deixaste para procurar

Por razões desconhecidas
Carregam consigo
Esta saudade
Das coisas do mar
E sopram búzios
No meio das montanhas

As algas roçam as tuas faces
Sombras cinzento-esverdeadas
Acariciam-te com um frio contido
É eterno, este dado
Cheio de olhos e de mudez
O teu corpo empedernido
Lançado à imagem dela
Enquanto os anéis alastram
E alcanças o anel exterior
Pedras verdes nas orelhas
Pedras azuis e verdes
Colares de âmbar de terra e de coral

Surgem os primeiros vultos
Pairas pela torre do teu crânio
Com tinido nos ouvidos
Na direcçãoo da luz das sirenes
Onde, para teu espanto,
Mudam de posiçãoo
Como bailarinos, sim, como bailarinos
Que flutuam no espaço
Delimitado pela luz e pela sombra

Dødebogsmessen
til affløjne kroppe
her ligger tonernes
søjler på langs
guld står
som smeltet smør i
stenkummer
i haller med dæmpet lys
hvor alle regnbuer ender

Udenfor
ligger ligskærernes
klippe
hvor alle strander før
eller siden
en knokkel selv,
rustfarvet og hulet af
hamren
på benmel og knogler
lårbenshalse og
bækkenpartier
blålige i den tidlige
morgens lys
endnu af nyskummet liv

Havets engle og enhjørninge
stiger og synker i kredsen
mobiler i stilhedens glaskugle
tipper omkring din arm -

Du rækker ud
med håndens hvide kød forstørret
og stimen spredes

De ånder et rum
der har standset dit vejr
og erstattet dit blod med en torden

Du farver med din store mund
du farver vandet rødt
idet du mimer hendes navn
og mærker salt i øjet.
Du griber efter kropskontur
og får et strejf af sprættet silke
et strejf af sjælens kuldegys
da stimen vender om -

Do Livro dos Mortos
Flúi uma missa para os corpos
Aqui
Jazem as colunas sonoras
O ouro flúi
Como manteiga derretida em
Tinas de pedra
Em salões onde a luz foi diminuída,
Onde findam todos os arco-íris

Lá fora
Encontra-se o rochedo do
desmembramento.
Onde, mais cedo ou mais tarde,
todos serão levados pela água como
cadáveres.
Ele próprio um osso,
Cor de ferrugem e cavado de
martelar
A farinha dos ossos e os ossos
Colos de fémures e
Bacias
Ainda lívidas de vida recentemente
desnatada
Na luz da madrugada

Anjos e unicórnios do mar
Elevam-se e afundam-se no interior do círculo
No silêncio da bola de vidro mobile
Saltitam à volta do teu braço -

Estendes a mão
Com a carne branca da tua mão ampliada
E o cardume dispersa-se

Respiram um espaço
Que cortou a tua respiração
E substituiu o teu sangue por uma trovoadas

Com a tua boca imensa tinges
Tinges a água de vermelho
Enquanto mimas o nome dela
E sentes o sal nos teus olhos.
Tentas agarrar a silhueta do seu corpo
Apenas para ser tocado de raspão por uma seda
rasgada
Um leve toque do calafrio da alma
Quando o cardume volta para trás -

Du er alene, alene som før
bunden er lagt med lagners blånelse
sandskyer vokser i langsom tid
korallernes vifte
hjernen foldet til et foster om sin finger
med årenes net lyst op
gennemsigtigt og fint
går et åndedræt ud blandt
søstjerner

Du vil plyndre en grav for dens
indhold
kæmme et skibsvrag for druknede
nå frem til ét ansigt blandt mange,
sortnet i glemsel -

da giften huggede fra hæl til hjerte
sank al lyd i verden ned på havets
bund

II

I de blå vokalers slot
arbejder fiskemunde i sorg
og stumt opstigende bobler
med at bygge
en katedral af lyd

Nå frem til ét ansigt blandt mange
sortnet i glemsel -

Fra sækken ryster de
mere benmel
over klippen
det dæmper farverne
og pudrer kødet let

I tårnet sætter de
konkylens brusen, en hvalkalot
skal slå det dybe rum
i klokken
drypsten lyses op
af dunkelskovens mosaik

Estás só, só como dantes
O fundo é como o azul dos lençóis
Nuvens de areia levantam-se lentamente
O sopra leve dos corais
O cérebro em forma de feto enrola-se à volta do
teu dedo
Com a rede das veias iluminada
Transparente e fina
Um fôlego sai para o meio das
Estrelas-do-mar

Queres saquear o conteúdo de um túmulo
Limpar um navio naufragado de vítimas afogadas
Reencontrar um rosto no meio da multidão,
Enegrecido pelo esquecimento –

Quando o veneno golpeou, desde o calcanhar até
ao coração
Todos os sons do mundo precipitaram-se para o
fundo do mar

II

No castelo das vogais azuis
As bocas dos peixes trabalham no meio da sua
dor
Bolhas sobem silenciosamente
Para construir
Uma catedral de som

Reencontrar um rosto
no meio da multidão
Enegrecido pelo esquecimento –

Do saco cai mais farinha de osso
sobre o rochedo,
Atenuando as cores
Polvilhando levemente a carne

Na torre fazem soar
O murmúrio das conchas, a calota de uma baleia
Vai fazer soar o espaço profundo
Do sino
Estalactites iluminadas
Pelo mosaico florestal obscuro

ruder højt i kirkeskibet
farver mørket ind -

Kun en gråtone
over de nøgne baller
røber kroppens tilstand

Så er de atter
slørhalefisk
i runddans omkring
din fremstrakte hånd -

Kun et sekund
med huden krøbet til
kuldegrader
så ligger kroppen rød
med ryggen flået fra

River du ansigtet op
er det stivnet til en maske straks
og munden vrænger
en port af tomhed

Du rører ved tusind sunkne flygler
du ser et skib med hundrede master
halvtreds katedraler er drevet forbi
med opløste glasmosaikker

Man læner sig tilbage,
svimmel
lettet af et skrig
den døde ikke skreg
endelig overbevist
af lemmernes
manglende spjætten
deres gummiro

Du får hende, men spar os for sangen
hendes øjenhuler er dækket af hud
hendes hænder spærret af brusk
og vender du dig én gang til
skal blodet forlade jer begge!

Através dos vidros situados no cimo da nave
Introduzem a escuridão –

Apenas um tom cinzento
Sobre as coxas nuas
Revela o estado do corpo

De novo
Peixes dourados dançam
Em volta da tua mão estendida –

Num segundo
A pele encolhida
Pelo frio
Jaz o seu corpo vermelho
Com as costas arrancadas

Se lhe arrancares a cara
Solidificará imediatamente transformando-se
numa máscara
E a boca retorcida
Torna-se num portão cheio de nada

Tocas mil pianos de cauda
afundados
Vês um navio com cem
mastros
Cinquenta catedrais passam por ti arrastadas pela
corrente
Os mosaicos de vidro desfeitos

Recostas-te,
Tonto
Aliviado por um grito
Que o morto não soltou
Finalmente convencido
Por membros que já não se agitam
A sua elasticidade repousa

Ela agora é tua, mas poupa-nos a canção
As órbitas dela estão cobertas de pele
A cartilagem bloqueia-lhe ambas as mãos
E se te voltares, uma vez mais que seja,
O sangue abandonar-vos-á a ambos!

III

Hun gik i luft
hvert andet øjeblik
han greb
men favned kun sig selv
med grådkvalte lyde
til sidst var det
som selve himlen skiltes
hun svævede
med fødderne op
håret hængende ned
armene strakt ud
efter ham
som en druknende
med ansigtet bølgende
mellem smil og rædsel

Nå frem til ét ansigt blandt mange,
sortnet i glemsel -

En undersøisk strøm
får hånden til at vinke
hun gynger i silhouet

Hun er en druknet danser
blandt mange
der har forladt koreografien
og er kommet til denne stilhed
hvor lyset sejler
på en film af mineralske salte

Endnu har du en pose luft
trængt i lungerne af ribbenskassen
endnu knitrer telegraf
i et lukket kredsløb, hvor

hertets gælle palper
endnu dæmrer hendes navn på din
læbe

- ekko af navnet

III

Ela elevou-se no ar
A cada instante que ele
Tentava agarrá-la
Abraçava-se apenas a si próprio
Com soluços abafados pelas
lágrimas
Por fim parecia
Que o próprio Céu se abria
Ela pairava
Com os pés no ar
E o cabelo caído
Os braços estendidos
Na direção dele
Como alguém que se está a afogar
O rosto dela oscilando entre
Sorrisos e o horror

Reencontrar um rosto na multidão,
Enegrecido pelo esquecimento –

Uma corrente submarina
Faz a mão dela acenar
A sua silhueta baloiça

Ela é apenas uma bailarina afogada
Entre tantas outras
Que abandonaram a coreografia
Para chegar ao silêncio
Onde a luz do sol navega sobre
Uma película de sais minerais

E ainda presa nos teus pulmões
Uma bolha de ar aprisionada pelas tuas costelas
E, contudo, o telégrafo ainda crepita
Num circuito fechado, em que

As guelras do coração palpam
O sabor do seu nome ainda permanece nos teus
lábios

- O eco do nome

du bandt i musik
før hun faldt
fra dit ansigt -

Du farver med din store mund
du farver vandet rødt
idet du mimer hendes navn
og mærker salt i øjet.
Du griber efter kropskontur
og får et strejf af sprættet silke
et strejf af sjælens kuldegys
da stimen vender om

Du rejser hende fra havbunden
danser

med bortvendt ansigt

hun hælder tungt som en sovende
i din favn

Rummet opspændt
mellem langt kredsende
silhouetter
man hører vinden
gå igennem fjer

De to første fugle
holder alting i ånde
solen bryder ikke frem
døgnet står stille på sin
himmel
ingen skygger løber over
bjergene
selv venter de
på slagterens råb

Da han skærer hovedet
af
svimler det igen
ansigt til ansigt med
træk
med øjne og åben mund
så svimlende vægtløst
uden sin krop

Que prendeste à música
Antes de ela cair
Do teu rosto -

Com a tua boca imensa tinges
Tinges a água de vermelho
Enquanto mimas o nome dela
E sentes o sal nos teus olhos.
Tentas agarrar a silhueta do seu corpo
Apenas para ser tocado de raspão por uma seda
rasgada
Um leve toque do calafrio da alma
Quando o cardume volta para trás

Levantas o corpo dela do fundo do mar
A dançar

Com o rosto voltado para o outro lado

Ela pende, pesada como alguém que dorme
Nos teus braços

Distendido no espaço
Entre silhuetas que circulam
Ouve-se o vento
Que atravessa as penas

As duas aves principais
Mantêm tudo em suspenso
O sol recusa-se a nascer
O dia está imóvel parado no seu
Firmamento
Nenhuma sombra desliza
Sobre as montanhas
Também elas aguardam
Os gritos do carniceiro

Quando ela corta a cabeça
Voltam as tonturas
Frente a frente com feições
Com olhos e boca abertos
Tão estonteantemente leve
Sem o corpo

Du valser hende baglæns
ud over blågrønne enge
stimen slår sammen om jer igen

Du fører din enhjørning gennem en
skov
hvor fiskesangen lyder

Som i spejlsale klæber billedet
lamt til din hud, du mærker knoglerne
hvine af glas
og ilten forlade fingrene

Han skærper knivene op
skærer ind bag det ene
øre
vrikker en gang
og begynder så at rulle
mens han holder bladet
ind til benet
og hovedhuden kommer
af
i én, lang appelsinskræl

Anslået af stemmegafler
synger kraniet
på sin sokkel af salt.
Sølv siver af mundhulen,
mens trykket stiger
du sparker ud i svømmetag
og sakser rummet -

I tynges af skarer
som ikke vil slippe
og overfladen
er dansende nær -

Da hun glider

Du rører ved tusind sunkne flygler
du ser et skib med hundrede master
halvtreds katedraler er drevet forbi
med opløste glasmosaikker

Danças a valsa com ela para trás
Pelos prados azuis-esverdeados
O cardume volta a agrupar-se à vossa volta
Conduzes o teu unicórnio
Através de uma floresta
Onde ressoa o canto dos peixes

Como numa galeria de espelhos a imagem cola-se
Levemente à tua pele, sentes os ossos gritar de vidro
E o oxigénio a abandonar os dedos

Ele afia o gume das facas
Faz uma incisão por detrás de uma orelha
Puxa de uma só vez
E começa a rodar
Enquanto mantém a lâmina junto
Do osso
E a pele da cabeça solta-se
Como uma longa casca de laranja

Afinado pelo diapasão
O crânio canta
Sobre o seu pedestal de sal.
Escorre prata da boca,
Enquanto aumenta a pressão
Agitas as pernas, como se estivesses a nadar
Cortando o espaço -

Oprimidos pelo peso das multidões
Que não querem largar
E a superfície
Está apenas a dois passos de dança -

Quando ela desliza

Tocas mil pianos de cauda
Afundados
Vês um navio com cem
Mastros
Cinquenta catedrais passam por ti arrastadas pela corrente
Os mosaicos de vidro desfeitos

Du ser hendes ansigt
forsænket i spejlets belægning igen
den druknende vender sig fra dig
synker
til punkt i mørke

Ansigt til ansigt med
træk
med øjne og åben mund
så svimlende vægtløst
uden sin krop

Vægtløs som før.
Du bryder igennem, hovedet sprængt
-
Det fortsætter syngende ned ad
strømmen

Efter legenden
gynger en krans af myrter mod aften
flyglerne spiller med sorte sejle
med hundrede master går skibene
ned

Flyvende begravet
i alle verdenshjørner
dagen er kommet igen
lettet af en svævende
sten

På søbredden skriger en måge hæst
over hvide sten
symfonisk er søvnen og glemslen
kapslet i kister af rav

Jeg er blå indenunder
og hård som en klippe

Vês o rosto dela
De novo emergido no revestimento do espelho,
a afogada recusa-se a olhar para ti
Afunda-se
Até se tornar um ponto na escuridão

Frente a frente com
feições
Com olhos e boca
abertos
Tão estonteantemente leve
Sem o corpo

Leve como dantes.
Consegues atravessar, a cabeça
rebentada –
Continua a cantar enquanto é levada pela
corrente

Segundo a lenda
Uma coroa de mirto baloiça em direcção ao
anoitecer
Os pianos de cauda tocam com velas negras
Os navios afundam-se com os cem mastros

Enterrado enquanto voava
Em todos os cantos do mundo
O dia regressa
Iluminado por uma pedra flutuante

Na margem, uma gaivota solta um grito rouco
Sobre as pedras brancas
Sinfonicamente o sono e o
esquecimento
Estão capsulados em ataúdes de âmbar

Sou azul por baixo
E duro como um rochedo

Marianne Harpsøe Correia
Tradutora e Intérprete